

MEMÓRIA ENTRE OS HELENOS: A CONFORMAÇÃO DE UM CAMPO SEMÂNTICO

*Luis Fernando Telles D' Ajello**

RESUMO

Neste artigo procuro estabelecer um campo semântico em torno de quatro termos relacionados à memória no grego antigo. Este levantamento de significados em historiadores, logógrafos, poetas, filósofos, tragediógrafos, comediógrafos e aedos permite que se perceba um desenvolvimento nos usos dos quatro termos mencionados de forma a refletir um desenvolvimento nos aspectos correlatos de usos e concepções de memória entre os helenos. Cercar desta forma alguns significados em torno do conceito de memória, como compreendido pelos antigos, pode ajudar outras pesquisas que intentem versar sobre a memória, ou tradições e práticas que dificilmente deixam de lidar com este conceito em uma sociedade como a helena.

PALAVRAS-CHAVE: *Campo semântico. Grécia antiga. Memória. Oralidade.*

As relações entre memória e história constantemente afloram nas reflexões dos historiadores. Debates em torno da memória não só pululam em tentativas de definir os limites do fazer historiográfico como nas pesquisas que se debruçam sobre uma perspectiva sociocultural deste fazer. Há diversas maneiras de se abordar uma pesquisa sobre memória na antiguidade. Aqui resolvi tratar de analisar o campo semântico em torno de termos relacionados à memória. Meu intuito é auxiliar na compreensão da construção do conceito de memória entre os helenos. Os usos e abusos da memória efetuados pelos antigos podem ser mais bem compreendidos for possível conhecer melhor

* Mestre e doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: telles.dajello@gmail.com.

as sutilezas destes usos. Os termos que aqui analiso refletem algumas destas instâncias

Em suma, para melhor compreender os meandros de *mnemosyne* na antiguidade helena faz-se necessária a constituição de um campo semântico em torno do termo que veio a conformar o conceito de memória. Na literatura antiga, entre poetas e filósofos, dramaturgos e logógrafos, os significados que orbitam em torno da memória afloram furtivamente. A literatura faz uso desses significados sem ponderar longamente sobre as razões que os impelem a circular em um ambiente definido, embora diluídos por obra do uso de termos aparentemente desconexos com seu significado. Devido a essa dificuldade, optei por analisar alguns termos etimologicamente próximos de *mneme*¹ na literatura antiga. Dessa forma, torna-se mais fácil conhecer os significados que sobressaem e que podem ajudar na compreensão da confluência desses termos.

Os termos a que me atenho neste artigo são: (1) *mimnesko*; (2) *mnaomai*; (3) *mnema*; (4) *mneia*. Os principais significados presentes no léxico para esses termos são, respectivamente: (1) “lembrar algo a alguém”, “ter em mente”; (2) “estar atento para”, “lembrar-se de”, “fazer a mente de alguém se voltar para”; (3) memorial, lembrança, tumba; (4) lembrança, menção (LIDDELL; SCOTT, 1882).

Para que esta pesquisa possa instruir investigações sobre a concepção de memória e suas implicações no mundo heleno,² preciso compreender as relações expressas por esses termos. A cada passagem, a cada autor, as conexões e o emaranhado de significados se espessam. Aqueles que se dedicam a verificar essa trama podem perceber que essa tessitura compõe a base para o campo semântico que envolve tais palavras.

A seguir apresento minhas análises, respeitando as categorias literárias em que se inserem os textos. Vou separar essas categorias em seções identificadas por: (1) poetas e filósofos, assumindo a posição aristotélica de que a poesia é mais filosófica que a história; (2) drama, incluindo tragédias e comédias; (3) oradores e logógrafos, para indicar aqueles que não se encaixam nas categorias anteriores e que me permitem ressaltar a presença majoritária de oradores que foram analisados nesta categoria.

¹ Memória.

² Concepção esta que permitiu uma relação fortemente mnemônica no processo legal heleno, onde o peso de prova recaía mais na memória autorizada dos *mnemones* do que em possíveis documentos escritos. Um exemplo das aplicações da memória nas relações orais eminentemente presentes nas tradições antigas.

POETAS E FILÓSOFOS

O que está contido no reino da memória? Diferentes culturas e períodos podem responder diferentemente. Se um homem, hoje, for inquirido sobre a relação entre memória e fala, ou memória e escrita, é bem possível que inicialmente aponte maior proximidade com a fala. Saber de cor implica poder recitar, falar o que se lembra. No entanto, poderia mudar de ideia quando percebesse que atualmente precisaria de um texto escrito ao qual recorrer tantas vezes quantas forem necessárias para poder memorizar. Para confirmar que de fato sabe algo de cor, palavra por palavra, precisaríamos de uma cópia escrita para fazer a verificação. Quando questionados por Parry e Lord, os contadores de estórias iugoslavos afirmavam ser capazes de contar a mesma estória, palavra por palavra. No entanto, quando gravavam dois momentos diferentes, em que o mesmo contador apresentava a mesma estória, verificavam que as palavras eram claramente diferentes, conforme a interação com a audiência, mas ainda assim, frente às gravações, os contadores afirmavam a fidelidade, dizendo “Viu? Palavra por palavra” (PARRY, 1971). Para membros de uma cultura eminentemente oral, palavra por palavra não é um sinônimo de repetição verbomotora, e sim de significação. Para uma repetição verbomotora, é necessário um texto escrito que permita a verificação da expressão exata contida no texto. Mas, em geral, havendo a escrita, é permitido esquecer, pois o texto lembrará por nós: o famoso “elixir do esquecimento de Thot” (PLATÃO, *Fedro*).

Poetas e filósofos foram aqueles helenos que se dedicaram a pensar profundamente sobre o homem, o mundo, o ser. Quando dos primeiros poetas, a produção de suas obras se dava apenas oralmente, uma composição oral. Memorizava-se, não palavra por palavra, mas por sentido, fórmulas recombináveis que mantinham a função de portar em si uma ideia.

Ao fim de muitos dos hinos homéricos há uma forma recorrente, um término formular: “Então adeus, filho de Zeus e Leto; mas eu me lembrarei de ti e de outro hino”.³ Neste caso, refere-se a Apolo Pítio, mas o término se referindo ao próprio Apolo e ao próximo hino é quase um sinônimo de cantar. Lembrarei de ti e cantarei ainda outro hino. Para cantar devo lembrar, assim como me lembrarei de Apolo porque cantei. Essa relação entre falar o que lembra ou lembrar por ter recém-falado está ligada ao termo utilizado aqui.

³ και σὺ μὲν οὕτω χαίρει, Διὸς καὶ Λητούς υἱέ:
αὐτὰρ ἐγὼ καὶ σεῖο καὶ ἄλλης μνήσομ' ἀοιδῆς.

Mimnesko parece ligar esses dois momentos em um único evento. Falo aqui porque me lembrei de...; cantarei o hino pois me recordei dele neste instante...

Tal uso de *mimnesko* é mais patente em duas passagens da *Odisseia* e ainda nas *Leis* de Platão. Em geral, quando se encontra esse termo, principalmente nos autores mais antigos, o sentido usado é o de lembrar, apesar do sentido de menção, atribuído mais tarde. No entanto, é uma forma peculiar de lembrança. O termo parece se referir a uma lembrança ativada pela menção de algo do passado próximo. Quando Odisseu depara com Penélope, ainda disfarçado, pede-lhe que não pergunte sobre sua família ou sua pátria, pois não quer que sua alma seja preenchida de amarguras por se lembrar disso (*Odisseia*, XIX, 118). Em aoristo participípio, o poeta coloca o receio do protagonista em um passado recente. Apesar de ser um pedido para que isso não venha a ocorrer, a expressão é construída como se tivesse ocorrido: “Não me pergunte por minha família ou pátria, pois, tendo lembrado destas, carregarei minha alma de amarguras”.⁴ *Mimnesko* se faz presente, então, quando há uma lembrança convocada pela fala de outrem.

Por vezes, a fala pode advir de uma lembrança. Quando digo que falei sem pensar, os helenos diriam que falei justamente porque me recordei de algo e me pronunciei instintivamente. A relação entre o pensar, a memória e a fala é muito próxima, principalmente entre poetas antigos e filósofos como Platão. Assim como os helenos compreendem que a fala pode invocar memórias, da mesma forma, utilizando o mesmo termo, a própria memória evoca a fala.

No início da *Odisseia*, quando os olímpicos ainda estão reunidos sem Poseidon presente, Homero (*Odisseia*, I, 29) expõe: “Zeus foi o primeiro a falar, e o fez pois pensava em Egisto. Em seu coração, em sua alma, lembrava de Egisto”.⁵ Assim como na passagem de Odisseu e Penélope, é apontada uma relação entre o coração, a alma, o ato de lembrar, ou pensar acerca de algo, como uma memória que inicia um pensamento. Apesar da tradução mais correta de *mnesato*⁶ neste caso ser “tendo se lembrado”, este excerto expressa mais do que isso. Não é a lembrança convocada por uma fala, como a de Odisseu, mas

⁴ τῷ ἐμὲ νῦν τὰ μὲν ἄλλα μετάλλα σῶ ἐνὶ οἴκῳ,
μηδ' ἐμὸν ἐξερέεινε γένος καὶ πατρίδα γαίαν,
μή μοι μᾶλλον θυμὸν ἐνιπλήσης ὀδυνάων
μνησαμένῳ μάλα δ' εἰμὶ πολύστονος;

⁵ Alma, coração, é como se pode traduzir o termo θυμὸν.
τοῖσι δὲ μύθων ἤρχε πατὴρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε:
μνήσατο γὰρ κατὰ θυμὸν ἀμύμονος Αἰγίσθοιο.

⁶ Aoristo, do indicativo, 3ª pessoa do singular, voz média do verbo *mimnesko*.

uma lembrança que instigou uma fala. Não é uma mera lembrança, não é uma recordação *a là* Ricoeur (2007).⁷ É sim a memória e uma de suas consequências, instigando ou advindo de uma fala. Assim, Homero expõe colateralmente sua concepção de memória, pelo menos enquanto *mimnesko*.

Platão faz uso desse termo com seu significado mais comum no século V, que é o de “menção”. No entanto, em uma passagem das *Leis*, retoma claramente o significado usado em Homero: “eu me lembrei, e fazendo-te lembrar como foi dito, já nós nos lembrando [...]”⁸ (PLATÃO, *Leis*). Primeiro, há o termo *emnesthen*, advindo de *mimnesko*, que se refere a lembrar, mas o lembrar que se dá ao falar, praticamente lembrar enquanto fala, ou falar do que se lembra. Talvez se atribua esse significado ao termo pela característica deste tempo verbal, que parece ser próprio para tratar de menções, memórias, reflexões de pessoas ou objetos de outrora. Mas Platão é cuidadoso com as palavras e utiliza aqui a forma e o termo que desde Homero carrega consigo a ação de falar o que é recordado, e ainda joga com os termos, pois, em seguida, usa *epanamimnesko*, verbo que significa “fazer com que outro se lembre”. Para efetuar o que diz estar fazendo (*epanamimnesko*), Platão discursa, fala e evoca à memória do interlocutor a recordação que instiga através de sua fala. Fecha o ciclo entre memória e fala usando as duas relações que mencionei anteriormente em Homero, uma lembrança que evoca a fala, uma fala que traz lembranças. O filósofo usa mais um recurso em seu diálogo, trata em segunda pessoa do plural, “nós nos lembrando”, para mencionar que, feita a fala, ou mesmo durante a fala do ateniense, ambos estariam então se lembrando da mesma coisa enquanto falam dela (PLATÃO, *Leis*, 688a).

Mesmo que Platão tenha feito esse jogo de palavras e significados, é um dos poucos autores posteriores a Homero que ainda usa o termo nesse sentido. No período homérico, a relação entre o pensar, a memória e a fala era mais forte, uma concepção ampla que abarcava os âmbitos de atuação da memória. Já no período clássico, esse significado é usado para uma de suas acepções, a de “lembrar”. Porém, a antiga polissemia contida no termo ainda pode ser resgatada para uma argumentação filosófica, na qual se espera que o jogo de palavras e significados seja percebido pelos leitores, ou mesmo pelos ouvintes.

⁷ Uma recordação enquanto um ato de memória que por si só convida aos abusos da memória.

⁸ αὐτός τε ἐμνήσθη καὶ ὑμᾶς ἐπαναμνήσκω, κατ' ἀρχὰς εἰ μεμνήμεθα τὰ λεχθέντα.

É importante notar a relação, defendida pelo uso desses termos, entre a fala, a memória e a menção de algum assunto. Fazer menção a um assunto é recordar dele e se pronunciar de acordo. Por vezes, a menção é velada. Um objeto, ou um texto, pode fazer menção, fazer uma alusão a outro, por exemplo, mesmo que não faça referência direta, pois trouxe à memória, fez recordar o segundo texto. Sendo assim, “menção” pode funcionar como a própria lembrança, mobilizada por uma fala, texto ou objeto, ao mesmo tempo em que pode se construir no pronunciamento causado por essa lembrança. A partir do século V a.C., os helenos parecem diferenciar entre essas duas acepções do termo. O uso de *mimnesko* passa a ter uma função mais específica e outro termo surge, *mneia*. Este parece não ocorrer antes de Sófocles (*Electra*, 392), que o utiliza como menção, lembrança.

Como apresentei anteriormente, o verbo *mimnesko* pode ser usado como “menção”, mas está claramente ligado à fala. Essa característica é bem forte em Homero, mas em diversos oradores o uso desse verbo serve como “lembrar”, ou “recentemente lembrei”, “ter em mente”. Associa-se sempre com uma fala recente, ou mesmo uma fala incitada por uma lembrança, como Zeus no início da *Odisseia*. O termo *mneia* parece tomar o lugar mais direto da fala, a contraparte proferida da menção que se liga à memória. Eu *mneia* porque *mimnesko*. Eu mencionei fulano porque acabo de me recordar dele. Assim sendo, *mimnesko*, que poderia ser uma menção feita por causa de uma lembrança, como na *Odisseia*, passa, no século V, a se referir mais diretamente à lembrança que incita a *mneia*, a lembrança que evoca a menção.

Aristóteles usa *mneia* de maneira bem clara, no sentido de fala. Normalmente este substantivo feminino é usado no acusativo singular: “não há nada em suas leis que seja digno de nota”, de menção (ARISTÓTELES, *Política*, 1274b); “A razão para que a tirania seja a última a que faço menção”, dentre as que falo (1293b). Ainda assim, a antiga concepção de que uma menção advém de uma lembrança leva autores a fazerem uso do termo com esse sentido.⁹ Aristóteles usa em apenas um momento o substantivo dessa forma, em sua *Ética a Nicômacos* (1165b): “Devemos, então, nos portar frente a um ex-amigo como se este nunca tivesse sido um amigo? Talvez devamos lembrar nossa

⁹ Refiro-me ao termo *mneia* sendo usado da mesma forma que em autores mais antigos aparecia sob o termo *mimnesko*. Como o significado atrelado a *mneia* é uma derivação, uma separação de uma das acepções para *mimnesko*, acontece de autores percorrerem o caminho inverso – usar o termo derivado de *mimnesko* com o sentido deste.

intimidade passada”. Claramente o intuito não é o de proferir algo e sim o de lembrar-se de algo. Apesar do uso específico do termo o ambiente que o mantém ligado à memória permite tais usos excepcionais.

Platão também usa esse substantivo em sua acepção mais corrente (*mneia* como menção, nota, enunciação), mas, em outro momento (*Leis*, 798b), recorre a ele para tratar de uma lembrança: “não há nenhuma lembrança e ninguém ouviu sobre uma modificação destas leis”.¹⁰ O uso de *mneia* dificilmente seria o de menção, pois o termo seguinte é “ouvir”, o que supriria a relação com a oralidade encontrada em “menção”. Assim, o termo é usado diretamente no sentido de memória, lembrança.

Mimnesko era um termo usado para menção em mais de uma acepção. Sua polissemia se devia à relação direta que era atribuída à memória e à fala. Mencionar algo requeria a sua lembrança. Não só isso, mas, caso eu *mimnesko*, significava que tinha me lembrado de algo e falado disso. O termo servia para o momento em que uma lembrança instiga a fala, a menção, mas também servia para o inverso, quando me lembrava de algo por ter escutado, ou mesmo por ter falado. “Enquanto estava aqui discursando me lembrei de uma piada por causa de uma coisa que eu mesmo falei”: esta frase apresenta um exemplo de *mimnesko*, em que a lembrança é instigada pela fala. No século V a.C., a relação com o lembrar se torna o centro semântico do termo. Ou seja, independentemente de a lembrança instigar a fala, ou uma fala instigar uma lembrança, o termo passou a tratar do lembrar. O novo termo, *mneia*, passou a tratar de menção como enunciação. Mas, ainda assim, as acepções antigas são respaldadas pelos resquícios destas concepções de memória e fala que ainda permitem a relação entre as duas em uma ação, antigamente expressa por um termo, *mimnesko*, e depois, no século V, expressa pela relação entre dois, *mimnesko* e *mneia*.

Um dos pilares que Detienne (1988) propõe é o poder mnemônico da palavra mediado pelo poeta. Mais do que isso, o poder do poeta em presentear os mortais com o eco das gerações através do tempo e pela palavra mantida na memória de seus apreciadores. O próprio Píndaro¹¹ expressa sua compreensão sobre o poder da palavra do poeta em um de seus poemas ístmicos: “Mesmo agora isto se faz um motivo para palavras, e a carruagem das musas dispara

¹⁰ ὡς μηδένα ἔχειν μνεΐαν μηδὲ ἀκοὴν τοῦ ποτε ἄλλως αὐτὰ σχεῖν ἢ καθάπερ νῦν ἔχει.

¹¹ Píndaro foi um famoso poeta especialista em honrar vencedores de jogos, como nas Olimpíadas e Jogos Ístmicos. Viveu no início do século V a.C.

à frente para bramar honrarias em memória de Nicocles, o boxeador¹² (*Odes Istmica*, poema 8, v. 63). O sentido aqui parece ser mais próximo de memória, e, no entanto, ainda se liga a outro círculo de significados atrelados a esse termo. As palavras das musas e, metaforicamente, as do poeta são, elas próprias, um *mnema*. Isso não indica, necessariamente, uma menção, ou uma lembrança, apesar de que esse sentido tem seu lugar neste poema. Suas palavras são também um memorial, portadoras de significados, algo que lembra outras coisas além de si mesmo, uma lembrança como um *souvenir*.

Em outro poema (*Odes Olímpicas*, poema 3, v. 15), Píndaro trata como *mnema* dos jogos olímpicos uma árvore.¹³ Não parece ser um monumento, mas sim um símbolo dos jogos. A oliveira sempre foi um grande símbolo heleno, especialmente em Atenas, onde a própria deusa Atena teria feito nascer uma árvore desta espécie na acrópole. Não bastando isso, o poeta diz que a árvore foi trazida por Hércules da nascente do Danúbio. Lá o filho de Zeus teria convencido os Hiperbóreos, servos de Apolo, por meio de seu discurso, a lhe entregar a árvore. Dessa maneira, um símbolo é também um *mnema*, uma lembrança, um portador de significados, assim como as palavras são *logos*, agrupamentos de significados.¹⁴ A ideia de *mnema* como um símbolo aparece, no entanto, com mais frequência entre os tragediógrafos.

Memoriais físicos, como a oliveira de Hércules, ou metafóricos, como as palavras de Píndaro, são *mnemata*¹⁵ que simbolizam, lembram e significam algo ou, por vezes, até mesmo alguém. Para além de um *souvenir*, um *mnema* pode ser compreendido como um memorial. Objetos que servem como memorial, que causam, incitam lembranças. Há dois momentos na *Odisseia* em que um objeto é apontado pelo poeta como um memorial. Estes são, também, presentes que de certa forma lembram aquele que os ofertou e aquele que os recebeu.

O arco de Odisseu nunca é levado para a batalha, pois deve ficar em casa, pendurado na parede para servir de *mnema* do amigo que o deu de presente. Ao mesmo tempo, o arco lembra uma das mais famosas peculiaridades de

¹² τὸ καὶ νῦν φέρει λόγον, ἔσονται τε / Μοισαῖον ἄρμα Νικοκλέος / μνάμα πυγμάχου κελαδησαι.

¹³ τάν ποτε / Ἰστρου ἀπὸ σκιαρᾶν παγᾶν ἔνεικεν Ἀμφιτρυονιάδας, / μνάμα τῶν Οὐλυμπία κάλλιστον ἄθλων / δᾶμον Ὑπερβορέων πείσαις Ἀπόλλωνος θεράποντα λόγω.

¹⁴ Faço aqui alusão à etimologia de *logos*, que indicava, em períodos arcaicos, um fardo de trigo ceifado e amarrado. Assim, é possível imaginar que, em apenas um *logos*, pode-se guardar todas as palavras a que este *logos* se refere, que em um *logos* muitos significados residem, que em um *logos*, como discurso, muitas palavras formam sentidos.

¹⁵ Plural de *mnema*.

Odisseu, a habilidade de envergar o arco, secundada apenas por sua perspicácia (*Odisseia*, XXI, 40).

No livro XV, Helena entrega um presente a Telêmaco, um robe feito por ela. Este presente é entregue para que a futura noiva do jovem filho de Odisseu use após o casamento. Como não há preparações ou arranjos feitos, Helena sugere que o robe seja guardado como um *mnema* do casamento desejado, bem como uma honraria de Helena à mãe de Telêmaco. A função de memorial aqui é para um evento que o presente veio a simbolizar, para a mãe de Telêmaco, que está sendo constantemente cortejada, mas sem jamais se casar novamente, e, por fim, para a lembrança da própria Helena, que fez e entregou o robe. Note-se que o objeto, ao ser guardado, torna-se um *mnema*, antes era um presente; ao ser posto em uso, deixará de ser um memorial para ser um comemorativo do evento.¹⁶

A relação mais peculiar que esse termo traz para o debate da memória, com todos seus significados, está no uso de significados mais antigos associados a *mnema*, e surge justamente com a *Ilíada*. Seu uso associa-se com memorial a um morto, ou, por vezes, com tumba. Na *Ilíada*, é um objeto ofertado por Nestor para que Aquiles a deposite no local de descanso de Pátroclo. A taça de Nestor é o *mnema*, apesar de poder representar apenas uma dedicação, e não necessariamente um memorial ao morto, mas ainda assim é um objeto depositado em um local de descanso final, para lembrar o falecido. Já no século V a.C o uso do termo será por vezes completamente ligado à própria tumba onde descansa o morto.

O tema da morte e da lembrança dos mortos é muito caro aos helenos. Não é de se espantar que, entre os temas que orbitam em torno do conceito de memória, estejam a morte e as formas de se lembrar e manter os mortos presentes *in memoriam*.

Apesar do uso constante deste termo, *mnema*, como tumba na literatura antiga, em alguns momentos sua função escapa um pouco deste significado e parece ser parte do memorial do qual a tumba faz parte. Em *Híparco*, Platão cita algumas inscrições que se autodenominam como *mnemata* de Hiparco. Como são diversas inscrições, ou cópias de uma mesma inscrição, não podem

¹⁶ “δῶρόν τοι καὶ ἐγώ, τέκνον φίλε, τοῦτο δίδωμι,
μνημῖ Ἑλένης χειρῶν, πολυηράτου ἐς γάμου ὥρην,
σὴ ἀλόχῳ φορέειν: τῆος δὲ φίλη παρὰ μητρὶ
κεῖσθω ἐνὶ μεγάρῳ

ser concebidas como uma lápide ou tumba, mas como um memorial, erguido em diversas localidades (PLATÃO, *Híparco*, 229a; 229b).

Nas *Leis* de Platão, há um momento que pode ser importante para a compreensão do termo relacionado à tumba e o porquê deste mesmo termo figurar no rol de significados que cercam a concepção de memória na Antiguidade grega: “Nenhuma tumba deve ser depositada em terras aráveis – seja o monumento grande ou pequeno – devem, no entanto, ocupar aqueles locais que são naturalmente dispostos para isto” (*Leis*, 958d-958e).¹⁷

O termo *thekas* é usado como caixa ou tumba. Esta passagem suscita questionamentos sobre o papel do *mnema* nas tumbas. Parece que a tumba, o local de descanso, é todo um grupo de coisas: inclui um monte de terra, que indica o local, uma inscrição ou estela dedicatória, monumentos, léctos ou estátuas dedicatórias. Os adereços e estilos variam conforme a época e a família em questão. Como Platão faz uso diferenciado desses dois termos, que por vezes significam a mesma coisa, parece que há um todo, o local de descanso, a tumba, que contém um monumento, ou melhor, um memorial, *mnema*, que é sua parte mais importante. Aquilo que tem por função invocar e perpetuar na memória o falecido se torna símbolo da estrutura como um todo. O *mnema* usado como metonímia da tumba, a parte expressando o todo. Isso explicaria como um termo tão conectado com memória, memorial e lembrança poderia ser usado para tumba com tanta frequência.

A proposição de que *mnema* seja usado em uma metonímia é mais expressa entre os tragediógrafos, que também fazem maior uso dos significados simbólicos, relacionados à memória, à lembrança, à recordação, à fala e à representação.

DRAMA

Aristófanes, comediógrafo ativo durante a segunda metade do século V a.C., apresenta, em uma de suas comédias, uma situação que me interessa pelo uso gramatical relacionado ao lembrar e pela relação semântica proposta entre conhecer, ouvir e lembrar. Quando o coro de *Cavaleiros* refere-se a um dos personagens, qualifica-o como alguém de quem se escuta falar mal e que é conhecido, ou lembrado, por não ser amigo de homens, ou ser pouco amigável. O termo *mmaomai* flexionado em imperfeito dual causa dificuldade na

¹⁷ θήκας δ' εἶναι τῶν χωρίων ὅποσα μὲν ἐργάσιμα μηδαμοῦ, μήτε τι μέγα μήτε τι μικρὸν μνήμα, ἀ δὲ ἡ χώρα πρὸς τοῦτ' αὐτὸ μόνον φύσιν ἔχει.

compreensão desta passagem. O autor apresenta duas formas pela qual alguém é conhecido, ou lembrado. Este é o primeiro problema. O termo se relaciona com lembrar ou conhecer?¹⁸

Hoje em dia, a sociedade relaciona o conhecer com a fama, a lembrança¹⁹ não é necessária para que alguém seja conhecido. Mas, entre os helenos, a fama de um homem pode auxiliar na projeção de seu nome para a eternidade através da memória dos homens. A fama maior se dava pelo fato de ser lembrado. Alguém ou um poema é conhecido porque se lembra dele, porque se sabe de cor. Assim, para Sólon, não foi o bastante ouvir um poema de Safo, ele requisitou que o ensinassem a declamá-lo para que pudesse dizer que o conhecia.²⁰ *Mnaomai* é traduzido normalmente como “lembrar-se de”, mas aqui parece ser utilizado com ambiguidade, como é de se esperar de um comediógrafo, profissional do jogo de palavras.

O dual nesse caso parece ocorrer por haver duas formas distintas pelas quais um homem é lembrado/conhecido. Diferentemente do português, que tem apenas singular e plural, o grego adiciona outro número. O dual é uma flexão que se refere a duas coisas ou pessoas, um plural específico para duas coisas. Como se fala de apenas um homem, o dual se justifica pelas formas de lembrar/conhecer esse homem. Extremamente importante nesta passagem é a presença do verbo *akouo*, escutar, ouvir. Uma das formas pelas quais o homem é lembrado/conhecido é por se escutar mal dele. Apesar da importância do falar e do ouvir ser patente no período arcaico, no período clássico nota-se um processo de adaptação entre a cultura escrita e a oralidade eminente até então. Ainda assim, o aspecto da oralidade se impõe nas formas de se lembrar/conhecer alguém, pois se relaciona com a forma como o nome é prolapado para gerações futuras através de hábeis tecedores de poemas.

Quando os helenos se referem a suas memórias, à lembrança e à menção de alguém ou algo, fazem-no, normalmente, em aoristo. Este tempo verbal grego indica que um evento (no caso “lembrar-se”, “fazer menção”) ocorreu no passado, mas não indica quando, se o evento terminou, terminou há pouco, se ainda pode estar ocorrendo. Estas são as diferenças entre o aoristo e o pretérito perfeito e imperfeito. Pela falta de um tempo verbal em português

¹⁸ Εἰ μὲν οὖν ἄνθρωπος, ὃν δεῖ πόλλ' ἀκοῦσαι καὶ κακὰ, αὐτὸς ἦν ἐνδηλος, οὐκ ἂν ἀνδρὸς ἐμνήσθην φίλου. (ARISTÓFANES, *Cavaleiros*, 1276).

¹⁹ Aqui diferenciada da memória.

²⁰ Ao ser questionado sobre por que queria que lhe ensinassem a declamar o poema, Sólon responde: “para que eu possa conhecê-lo antes que eu morra” (ESTOBEU, *Florilegium*, 3.29.58).

que sirva de correlato, em geral o aoristo é traduzido pelo perfeito, pois ao menos não carrega a continuidade do imperfeito. Este aoristo, este passado pontual, parece ser a forma mais usada para expressar uma lembrança. Os termos em questão revelam uma lembrança em um ponto passado pontual, ou uma menção feita pontualmente no passado. Como o tema é ligado à memória, ou a um conhecimento por lembrança, o passado pontual se apresenta como opção adequada.

Quando Orestes está defendendo o matricídio planejado por ele, acaba usando a expressão “pelos deuses!”. A frase seguinte, pronunciada pelo próprio Orestes, emprega o termo *mimnesko* em aoristo: “Não é bom ter pensado nos deuses quando advogando por um assassinato”²¹ (EURÍPIDES, *Eumênides*, 580). Apesar de Orestes ter mencionado, pensado nos deuses segundos antes, o uso do aoristo se encarrega de duas coisas: enfatizar a relação passada do ato de pensar/lembrar²² e imprimir um ar proverbial à frase.²³

Mais do que lembrar, ou mesmo propagar o nome de alguém para que seja sempre lembrado, é interessante verificar como a comemoração da vida se relaciona entre os helenos do século V a.C com a memória e a *mneia*, termo mais recente para “menção”. Electra, em conversa com Crisótemis, prepara-se para sofrer ao se entregar aos seus malfeitores, quando a irmã pergunta-lhe: “Não tens apreço [não comemoras a] pela vida que tens?”²⁴ (SÓFOCLES, *Electra*, 392). Sófocles faz uso do termo *mneia*, que geralmente é usado para tratar de “menção”, “(vaga) memória”, e aqui parece significar comemoração ou apreço. Este termo é um substantivo, é algo e não uma ação. É a própria memória e não o ato de lembrar; é a própria menção e não o ato de falar, fazer a menção. Creio que o sentido seja similar ao que damos para a pergunta: sua vida não é digna de nota? Tanto nesta quanto na frase construída por Sófocles em sua tragédia a ideia é de que a vida de alguém pode ser memorável, digna de nota, de menção. Desse modo é que Crisótemis pede a Electra que ela tenha sua própria vida como memorável, digna de nota, que tenha apreço por ela. Este é o que chamo de sentido comemorativo do termo. *Comemorar* algo é fazer menção a algo memorável. Assim, um herói

²¹ ἐν οὐ καλῶι μὲν ἐμνήσθηθην θεῶν, / φόνου δικαστῶν.

²² Ligado ao termo *mimnesko* (*emnesthen* em aoristo).

²³ A tradução para o inglês “turn my mind to” parece mais apropriada do que consegui traduzir para o português, pois traz o sentido de voltar a atenção, lembrar, e ainda relaciona com o conhecer, ter algo em mente, estar focado em algo do passado.

²⁴ Βίου δὲ τοῦ παρόντος οὐ μνείαν ἔχεις.

que leva uma vida memorável será digno de nota, de acordo com os aedos que comemorarão seus feitos.

Ésquilo faz uso do termo *mimnesko* em uma de suas peças, de forma a jogar com os diversos significados atrelados a ele. A seguinte passagem é um ótimo exemplo para a construção do campo semântico que venho desenvolvendo. Um personagem mítico que encarna a relação entre saber, lembrar e falar é o protagonista da peça *Prometeu acorrentado* (ÉSQUILO, 822). Prometeu é aquele que, como indica seu nome, sabe antes, que prevê. Esta divindade sabe o que está por vir e é frequentemente questionado sobre o futuro de outros personagens, que apelam para a memória e o saber que Prometeu possui acerca do que foi e do que está por vir.²⁵ O coro, na peça em questão, dirige-se a Prometeu requisitando informações acerca de outro personagem do drama. Quase que desesperados para saber sobre a perigosa trilha que espera pelo personagem, os membros do coro pedem que Prometeu fale (*lego*), faça-se ouvir (*exeis gegonein*). Em seguida, assumindo que ele pode ter falado tudo que sabe do porvir, pedem ao menos que fale o que foi, o que lembra, o que *mnemesai* (flexão de *mimnesko*).²⁶

Finalmente, o último ponto que pretendo tratar para a constituição do campo semântico no âmbito do drama é o supramencionado tema da tumba como um memorial, um símbolo, um significante que faz lembrar a pessoa comemorada através do memorial. Platão faz uso do jogo de significados dados a *mnema*. Os logógrafos, principalmente oradores, empregam tal recurso em seus discursos de maneira mais objetiva, como aparecerá a seguir. Mas é essencialmente em Eurípides e Sófocles que o intrincado jogo de significados revolve em cenas que abusam da polissemia do termo.

Eurípides apresenta Helena dando orientações a Hermione, sua filha, sobre como efetuar as libações sobre a tumba de Clitemnestra. Ao tratar do “ritual” a ser feito, usa o termo *mnema* como tumba. Em seguida, o tragediógrafo emprega o termo *mimnesko* quando Helena está a suplicar para que sua filha

²⁵ Pode ser feito um paralelo com Merlin, que nas lendas arturianas é dito como vidente por se lembrar do futuro.

²⁶ εἰ μὲν τι τῆδε λοιπὸν ἢ παρεμμένον
ἔχεις γεγωνεῖν τῆς πολυφθόρου πλάνης,
λέγ': εἰ δὲ πάντ' εἴρηκας, ἡμῖν αὐτὸ χάριν
δοῦς ἦνπερ αἰτούμεσθα, μὲμνησαι δὲ που.

Memmesai de pou? Memmesai é uma flexão de *mimnesko*. Traduzo como: “Se há algo ainda a ser dito, faça-se ouvir sobre as perigosas andanças que ela fará e fale. Se tudo já disse peça encarecidamente que me dê o que lhe pedi antes. O que tens na memória?”.

pense, lembre, tenha em mente o caminho de volta assim que terminar sua tarefa. A construção do parágrafo que descreve o ritual a ser seguido ajuda a explicar o porquê do uso de *mnema* como tumba.

Tome estas libações e estas tranças minhas em tuas mãos, e deposite-as em torno do túmulo de Clitemnestra [*taphon*] [115] um copo misturado com mel, leite e espuma de vinho e, depois, fique de pé sobre o túmulo-amontoado, e diga assim: “Helena, a sua irmã, envia-lhe estas libações como seu presente, temendo aproximar-se de teu túmulo (*mnema*) aterrorizada pela multidão argiva” e expresse ao refúgio dela pensamentos gentis [120] e para mim e você e meu marido; para estes dois sofreadores miseráveis, também, que o deuses destruíram. E prometa que eu vou oferecer todos os presentes funerários que são devidos de mim a uma irmã. Agora vá, minha criança, e apresse-se; [125] e assim que tiver feito as libações no túmulo [*taphon*], pense [declinação de *mimmesko*] em seu retorno (EURÍPIDES, *Orestes*, 118-125).²⁷

Apesar de outros termos, como *taphos*, servirem exclusivamente para significar tumba, e aparecerem neste mesmo parágrafo, suas funções são claramente distintas, pois se limitam a momentos diferentes do evento descrito. O termo *mnema* só é usado no momento da libação, no momento em que os ritos comemorativos devem ser feitos e as bebidas e comidas entregues, como um memorial, um *mnema*. Mesmo que *mnema* aponte tanto para “tumba” quanto para “símbolo” ou “memorial”, é o contexto que reforça o sentido desejado pelo tragediógrafo.

Em *Helena*, Eurípidés fornece outro bom exemplo que explicita a relação entre tumba e memorial. O monumento construído como uma tumba é, ao mesmo tempo, um memorial. Por vezes tem o objetivo de tornar presente o ausente. Teoclímenos se dirige ora à tumba, ora ao próprio pai, como se ambos fossem um: “Saudações tumba de meu pai! Eu te enterrei, Proteus, na entrada para que eu pudesse me dirigir a ti, e, sempre que sair

²⁷ ἐλθοῦσα δ' ἄμφι τὸν Κλυταιμῆστρας τάφον
μελίκρατ' ἄφες γάλακτος οἰνωπὸν τ' ἄχνην,
καὶ στᾶς ἐπ' ἄκρου χώματος λέξον τάδε:
Ἑλένη ζ' ἀδελφὴ ταῖσδε δωρεῖται χοαῖς,
φόβῳ προσελθεῖν μνήμα σόν, ταρβοῦσά τε
Ἄργεῖον ὄχλον. πρευμαμένη δ' ἀνωγέ νιν
ἐμοί τε καὶ σοὶ καὶ πόσει γνώμην ἔχειν
τοῖν τ' ἀθλίῳιν τοῖνδ', οὗς ἀπώλεσεν θεός.
ἃ δ' εἰς ἀδελφὴν καιρὸς ἐκπονεῖν ἐμέ,
ἅπανθ' ὑπισχνοῦ νεοτέρων δωρήματα.
ἴθ', ὦ τέκνον μοι, σπεῦδε καὶ χοᾶς τάφῳ
δοῦς ὡς τάχιστα τῆς πάλιν μέμνης ὁδοῦ.

ou entrar na casa, eu, teu filho Teoclímenos, lhe chamasse, pai!” (EURÍPIDES, *Helena*, 1165-1168).

Claramente, o termo usado se refere diretamente à tumba. Todas as tumbas, entre os helenos e em nossa sociedade atual,²⁸ têm como uma de suas funções servir de elo entre os que ficam e os entes que partiram. A função comemorativa da tumba ocorre porque há uma necessidade de comunicação com os entes queridos falecidos e, através destes, com a tradição, o passado, sua lembrança e sua memória. No exemplo de Teoclímenos, é claro que a função comemorativa da tumba é supervalorizada. A personagem fala com seu pai através da tumba, pois esta o representa. A tumba deixou de ser o local de repouso de Proteus para ser um signo que remete a muito mais do que unicamente sua pessoa. Um signo, um memorial, um monumento, um *mnema* de Proteus.

O brilhante jogo de palavras em *Ifigênia em Áulis* faz uso das sutis diferenças entre termos que são usados aparentemente para o mesmo objeto durante o diálogo entre as personagens de Clitemnestra e sua filha Ifigênia:²⁹

Clitemnestra: Não devo prantear tua morte?

Ifigênia: De forma alguma, pois não terei uma tumba [*tymbos*] sobre mim.

Clitemnestra: Mas é a morte, e não a tumba [*taphos*], que é pranteada.

Ifigênia: O altar da deusa, filha de Zeus, será minha tumba [*mnema*].

Clitemnestra: Bom, minha criança, permitirei que me persuadas pois falas bem.

(EURÍPIDES, *Ifigênia em Áulis*, 1441-1445).

Traduzi aqui sempre como tumba, mas poderia ter usado os outros significados para cada termo, respectivamente, lápide, tumba e memorial. Os três termos podem ser empregados como tumba e, de certa forma, é por isso que Eurípides os escolheu. No entanto, em cada frase, o sentido de tumba é extrapolado, devido às peculiaridades associadas aos termos utilizados. Inicialmente como um mero objeto físico a ser depositado sobre o corpo ou o local de descanso deste. Em seguida, como a imagem ampla de tumba, com todos os aparatos relacionados ao enterro de alguém. Por fim, o termo específico, aquele que convence a mãe de Ifigênia, um memorial, um monumento, um *mnema*. Claramente não é o fato de que Ifigênia terá um

²⁸ Refiro-me à realidade brasileira e à maioria das religiões e culturas ocidentais.

²⁹ Neste momento, Ifigênia, que foi chamada por seu pai, Agamêmnon, para ser sacrificada em nome de Ártemis, convence a própria mãe a não prantear sua morte, uma vez que servirá a todos os helenos.

mnema que convence Clitemnestra, mas sim o fato de que seu *mnema* será uma construção de grande importância, o altar de Ártemis.

Quando *mnema* figura como um monumento comemorativo (um memorial) a alguém, ou à morte de alguém, este objeto é o signo da permanência de seus feitos entre os vivos. O *mnema* ancora a pessoa e seus feitos na memória, sustenta de maneira física o que seria propagado oralmente para a tradição.

Essas passagens demonstram que, entre os tragediógrafos, é comum um termo ser utilizado em conjunto com seu contexto, para ressaltar um dos aspectos atribuíveis àquele termo. Assim, três palavras que poderiam ser usadas para o mesmo significado adquirem grande independência e, portanto, significados específicos completamente diferentes. A associação desses termos a significados específicos se dá no contexto geral de sua utilização.

ORADORES E LOGÓGRAFOS

Entre os logógrafos que analiso, a maioria é composta de oradores do século IV a.C. O uso que esses oradores fizeram dos termos até então examinados se diferencia pouco daqueles desenvolvidos por outros autores. Em todo esse período, era comum que oradores produzissem discursos para processos jurídicos envolvendo outros cidadãos. Nesses casos, as palavras eram escolhidas com ponderação por profissionais da expressão articulada. Apesar de a escrita estar presente na preparação dos pronunciamentos, a preferência por um discurso improvisado estimulava seus autores a utilizarem recursos que causassem a impressão de espontaneidade. Alguns termos eram usados justamente com esse intuito. Uma vez que os ouvintes eram cidadãos comuns, assim como aqueles que deveriam fazer os discursos, o vocabulário não poderia ser muito específico. As palavras e os significados utilizados nos argumentos não deveriam ser requintados, mas fazer parte do rol de conhecimentos dos ouvintes.

Os termos são menos ambíguos, mais objetivos, nos textos dos oradores. Com o intuito de esclarecer seus ouvintes, os termos são utilizados de forma pontual e sugerem, no decorrer da análise, os significados mais fortemente ligados a cada palavra.

Os termos *mneia* e *mimnesko* podem significar “menção”, como já referi. *Mimnesko* aponta para o momento da lembrança que instiga a menção, ou mesmo a recordação evocada pela menção. *Mneia* sugere a fala provocada por uma lembrança ou o ímpeto de vocalização de uma lembrança súbita.

Entre os oradores analisados, a utilização dos termos parece adquirir, costumeiramente, o sentido de “menção” como forma-padrão para o vocábulo. Em geral, *mneia* e *mimnesko* adquirem o prosaico sentido de “como mencionei anteriormente”, “não mencionei no início de minha fala”. No entanto, seu uso sugere, por vezes, que algo veio à mente do orador durante sua manifestação, e por isso fez-se a menção. Essa forma de utilização do vocábulo, apesar de ter um significado claro e simples de “menção feita sobre algo de que me recordei”, é um recurso para causar a impressão de espontaneidade.³⁰ É linguagem e performance, apesar de ser uma oração preparada e escrita com antecedência, faz uso de termos e inflexões de forma a simular um discurso improvisado, feito “de cabeça”.³¹ Pode-se dizer que o *mimnesko* toma uma conotação de “lembrar em voz alta”, pois, supostamente, parte de uma recordação súbita, instigada pelo próprio discurso, ao mesmo tempo em que evoca uma guinada na fala do orador, por ter sido exposta.

O uso de *mimnesko* como uma menção ligada à memória que a causou, ou à ideia de ter algo em mente, é singularmente expresso em um dos discursos de Ésquines. O orador está indicando as acusações e as desculpas que serão utilizadas por seus contendores e pede aos ouvintes que tenham em mente as desculpas que ele invocou para que lembrem que são meras desculpas, insuficientes para rechaçar as acusações.³² Quero observar que o momento específico desta passagem utiliza o termo *diamnemoneuein*, que significa lembrar distintamente, ter em mente. Ésquines diz não ter feito menção, *mimnesko*, aos crimes públicos do acusado, pois, em seguida, a defesa o faria. Nesse momento, pede para os ouvintes manterem em mente o que falou.

Lísias, que atua desde o século V, usa *mimnesko* da mesma forma que Heródoto, seu contemporâneo e vizinho,³³ usa *mnaomai*. Aquilo que frequentemente é traduzido como “ter em mente” significa, em ambos, “estar pensando em”, “ter por objetivo”. Heródoto está a contar sobre Ciro quando

³⁰ Por exemplo, em Ésquines (*Discurso I*, 86): “Agora que mencionei a proposta de listas e medidas feita por Demophilo, gostaria de citar outro evento correlato”, ἐπεὶ δὲ ἐμνήσθην τῶν διαψηφίσεων καὶ τῶν Δημοφίλου πολιτευμάτων, βούλομαι τι καὶ ἄλλο παράδειγμα περὶ τούτων εἰπεῖν.

³¹ Diversos autores que tratam da oralidade na Antiguidade, ou mesmo do início da escrita, apontam a desconfiança dos helenos no texto escrito e sua preferência pela fala, principalmente quando composta oralmente ou improvisada, como que saindo diretamente do intelecto e não preparada e manipulada anteriormente (cf. HARTOG, 1999).

³² καὶ τὰς ἐσομένας πρὸς ταῦτα προφάσεις εἶπον, ἃς ἀξιώ καὶ ὑμᾶς διαμνημονεύειν (*Ésquines, Discurso III*, 203).

³³ Ambos estavam entre os atenienses enviados para fundarem Túrio.

este enviou uma carta a Tomirys, rainha dos Massagetas, propondo seu casamento. Relata que, naquela ocasião, a rainha nega o pedido, por acreditar que Ciro não tinha seu afeto em mente, *mnaomai*,³⁴ mas seu reino. Este uso particular de *mnaomai*, termo que significa lembrar, é similar ao empregado por Lísias em um de seus discursos, quando, no entanto, utiliza no mesmo sentido o termo *mimnesko*. Quando o orador está apresentando a defesa de seu cliente diz que nunca teve em mente a possibilidade de deixar seus filhos órfãos ou sua mulher de luto por sua morte, quando lutando, uma vez que preferia a morte a deixá-los envergonhados por ter um pai e marido que fugiu de suas obrigações. O “ter em mente”, o *mimnesko*, neste caso, é um misto de “pensar em” e “lembrar de”.

Apesar do uso do termo *mimnesko* pelos oradores do século IV manter sua relação sutil com a memória – ou recordação que instiga a fala –, a ênfase não é tão forte quanto em Heródoto e Lísias, por exemplo. De fato o termo *mnema* aparece com bastante frequência entre os discursos dos oradores. A maioria absoluta de suas aparições serve para designar “tumba”,³⁵ ou, em alguns poucos momentos, para designar “monumento”, “memorial”.³⁶

Dentre essas formas de utilização, faço questão de destacar e focalizar a acepção de memoriais, os objetos, eventos e símbolos que podem servir como um memorial. Entre Dinarcos e Iseu, há exemplos de ligações materiais e abstratas para *mnema*. No discurso de Dinarcos contra Aristogiton, a acusação de que este não levantou nenhum memorial para seu pai dá a entender que não há monumento, objeto ou construção física que sirva de memorial a seu pai. Tal suposição é sustentada pela menção, em seguida, de que nem mesmo ritos funerários mandou fazer. Ou seja, nem mesmo memoriais não materiais, tais como um discurso ou mesmo os ritos funerários apropriados fez: “Ele não pode nem mesmo apontar para um memorial a seu pai, ó atenienses, nem ao menos em Erétria, onde seu pai faleceu, fez o que é de costume” (DINARCOS, *Discurso II*, 18).³⁷

³⁴ *Mnomenon*, neste caso, pois está no participio acusativo.

³⁵ Como no discurso de Demóstenes contra Cálicles: “Não só as árvores estavam lá antes que meu pai construísse a parede como a tumba é antiga e foram construídas antes de comprarmos o terreno”, και γὰρ τὰ δένδρα πεφύτευται πρότερον ἢ τὸν πατέρα περιοικοδομησάμεναι τὴν αἰμασίαν, και τὰ μνηματα παλαιὰ και πρὶν ἡμᾶς κτήσασθαι τὸ χωρίον γεγεννημέν' ἐστίν (DEMÓSTENES, *Discurso LV*, 14).

³⁶ Como em Dinarcos contra Aristogiton: “ele não pode nem mesmo apontar para um memorial a seu pai”, τοσοῦτον δ' ἀπολέλοιπε τοῦ πατρὸς μνημᾶ τι ἔχειν (DINARCOS, *Discurso II*, 18).

³⁷ τοσοῦτον δ' ἀπολέλοιπε τοῦ πατρὸς μνημᾶ τι ἔχειν, ὡς Ἀθηναῖοι, δεῖξαι, ὥστ' οὐδ' ἐν Ἐρετρίας τοῦ πατρὸς αὐτοῦ τελευτήσαντος ἐκεῖ τὰ νομιζόμενα ἐποίησεν αὐτῷ.

Aqui se refere aos ritos que se espera que sejam oferecidos aos mortos. Assim, tendo sido feita uma menção aos ritos funerários, que chamo de memorial não material, o *mnema* citado deve ser pensado como um monumento ou outra forma material que um memorial deva tomar.

Iseu usa o termo de forma extremamente abstrata. Como se estivesse dizendo *in memoriam*. Em seu *Discurso VI*, pergunta-se se a família de Euctemon chegou a prestar os serviços públicos e os ritos funerários em nome de sua legítima esposa. Este “em nome” foi como pude traduzir *mnemasi*, dativo plural de *mnema*.³⁸ *Mnema* adquire aqui o sentido mais abstrato que este termo pode ter, relacionado à ligação entre um ato, ou mesmo objeto, a outra pessoa, ato ou objeto. Não é o que representa, mas sim a própria ligação que permite que a menção se constitua na representação de outrem.

Em Lísias (*Discurso II*, 64), *mnema* é como são chamados os objetos depositados sobre a tumba. A passagem referida a seguir, junto a outras, levaram-me a propor que *mnema* não deva ser considerada propriamente a tumba, apesar de seu uso estrito nesse sentido, conforme ocorrência comum entre os oradores. Proponho que o uso de *mnema* se dê através de uma relação metonímica de tipo qualitativo. Esse termo não é a própria tumba; para isto, há pelo menos dois outros termos, sendo mais apropriado *taphos*. Mas, como sobre o *taphos*, costumeiramente, é depositado algo ou construído um pequeno monumento, estes são denominados *mnema*, memoriais.

Como estes *mnemata* têm significação conceitual ligada à tumba, ao *taphos*, seu uso em substituição, através de uma metonímia, explicaria as inúmeras ambiguidades e as diversas circunstâncias nas quais *mnema* não parece ter exatamente o significado exato de tumba, mas de algo que a representa. Ou seja, chamar algo de *mnema* pode ser como chamar algo de tumba por relacionar tumbas com uma característica marcante em torno delas, a presença de um *mnema*, a lembrança. Dessa forma, é possível visitar o *mnema* de meu avô quando deveria dizer mais precisamente que vou visitar o *taphos* de meu avô, onde se encontra um *mnema* a ele.

Esta acepção de *mnema* permite que Heródoto (*Histórias*, VII, 167) cite um homem que desapareceu durante uma batalha e teve diversos *mnemata* erigidos em diferentes colônias. Não havendo um corpo a ser enterrado, não

³⁸ εἴ τι ἀκηκόασι πώποτε ἢ ἴσασιν ὑπὲρ αὐτῆς Εὐκτῆμονα λητουργήσαντα, ἔτι δὲ ποῦ τέθαιπται, ἐν ποίοις μνήμασι (ISEU, *Discurso VI*, 64).

há tumba, então um memorial pode ser erigido, inclusive mais de um, o que seria impossível de ser feito com uma tumba. O historiador faz ainda outra citação, desta vez de uma inscrição. O texto inscrito indica que é um *mnema* para Megistias, morto pelos Medos (*Histórias*, VII, 268).³⁹

Tucídides também cita uma inscrição onde o texto indica ser um *mnema*. Inicialmente, parece ser uma sutil acepção do termo com um memorial escrito. No entanto, o campo do termo chega até a intenção de manter registros, um memorial no sentido mais estrito de memória gravada, mas não necessariamente ligado especificamente à escrita.⁴⁰

O desenvolvimento do uso destes termos não encerra o campo semântico ligado à memória. Mesmo que encerrasse não bastaria por si enquanto pesquisa histórica. Com este artigo pretendi abrir caminho para pesquisas de todo gênero, relacionadas a memória na antiguidade grega. Em outras pesquisas tratei de uma análise da construção social da realidade em momentos específicos da história helena. Os significados que orbitam o conceito de memória são essenciais para tais pesquisas. Creio que diversas outras pesquisas podem se beneficiar inicialmente desta análise e seguir com suas abordagens particulares. Importa que estas compreensões, ligadas aos termos, ligadas às utilizações destes, não sejam ignoradas como parcelas constituintes da realidade cultural na qual estão inseridos.

MEMORY AMONG THE OLD GREEKS: THE CONFORMATION OF A SEMANTIC FIELD

ABSTRACT:

In this article I attempt to establish a semantic field revolving four terms related to memory in Ancient Greek. This survey of meanings drawn from historians, logographers, poets, philosophers, tragedians, comedians and aoidos allows us to perceive a development in the usages of the aforementioned terms so to reflect a development in the related usages and conceptions of memory among the Hellenes. Thereby curtailing some meanings around the concept of memory, as understood by the ancients, may help other researches that intent to address the subject of memory, or traditions and practices that can hardly go without dealing with this concept in a society such as the Ancient Greece.

³⁹ μνήμα τόδε κλεινοῖο Μεγιστία, ὃν ποτε Μῆδοι Σπερχεῖόν ποταμὸν κτείναν.

⁴⁰ μνήμα τόδ' ἦς ἀρχῆς Πεισίστρατος Ἰππίου υἱός θῆκεν Ἀπόλλωνος Πυθίου ἐν τεμένει. Pisistrato, filho de Hippias, erigiu este *mnema* de seu arcontado no recinto de Apolo Pítio (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, 132).

KEYWORDS: *Ancient Greece. Memory. Orality. Semantic field.*

REFERÊNCIAS

ARISTÓFANES. Nuvens e Cavaleiros. In: HALL, F. W.; GELART, W. M. Geldart. (Ed.). **Aristophanes comoediae**. Oxford: Clarendon Press, 1907. v. 2

ARISTÓTELES. Política. In: ROSS, W. D. (Ed.). **Aristotle's politica**. Oxford: Clarendon Press, 1957.

_____. Ética a Nicômacos. In: ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**: tradução de M. da G. Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

DEMÓSTENES. Discurso LV. In: RENNIE, W. **Demosthenis orationes**. Oxonii: E. Typographeo Clarendoniano, 1931.

DETIENNE, M. **Os mestres da verdade na Grécia Arcaica**. Tradução de A. Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

DINARCOS. Discurso II. In: BURTT, M. A. (Ed.). **Minor Attic Orators in two volumes**. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1962. v. 2.

ÉSQUILO. Prometeu acorrentado. In: SMYTH, H. W. (Ed.). **Aeschylus: Prometheus**. Cambridge: Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann, Ltd., 1926. v.1.

ÉSQUINES. Discurso I. In: ADAMS, C. H. (Ed.). **Aeschines**. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1919a.

_____. Discurso III. In: ADAMS, C. H. (Ed.). **Aeschines**. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1919b.

STOBAEUS; GESSNER, C. **Keras Amalthaias**. Tiguri: Excudebat C. Froshovervs, 1543. 24, 536 (i.e. 770).

EURIPIDES; ALLAN, W. **Helen**: Cambridge Greek and Latin classics. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2008.

_____. Ifigênia em Áulis. In: MURRAY, G. (Ed.). **Euripidis fabulae**. Oxford: Clarendon Press, 1913c. v. 3.

_____. Orestes. In: MURRAY, G. (Ed.). **Euripidis fabulae**. Oxford: Clarendon Press, 1913b. v. 3.

HARTOG, F. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Tradução de J. L. Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HERÓDOTO. Histórias. In: GODLEY, A. D. (Ed.). **Herodotus**. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

HOMERO. *Ilíada*. In: _____. **Homeri opera in five volumes**. Oxford: Oxford University Press, 1920.

_____. *Odisseia*. In: _____. **The Odyssey with an English translation by A. T. Murray, Ph.D. in two volumes**. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann, Ltd., 1919.

ISEU. Discurso VI. In: FORSTER, E. S. **Isaeus**. Cambridge: Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd., 1962.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **A Greek-English lexicon**. 8. ed. New York: New York Book Company, 1882.

LÍSIAS. Discurso II. In: _____. **Lysias with an English translation by W.R.M. Lamb, M.A.** Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1930.

PARRY, M. The making of Homeric verse. In: PARRY, A. (Ed.). **The collected papers of Milman Parry**. Oxford: Clarendon Press, 1971.

PÍNDARO. Odes olímpicas. In: _____. **The Odes of Pindar including the Principal Fragments with an Introduction and an English Translation by Sir John Sandys, Litt. D., FBA**. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1937a.

_____. Odes Ístmicas. In: _____. **The Odes of Pindar including the Principal Fragments with an Introduction and an English Translation by Sir John Sandys, Litt. D., FBA**. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1937b.

PLATÃO. Fedro. In: BURNET, J. (Ed.). **Platonis opera**. Oxford: Oxford University Press, 1903a.

_____. Leis. In: BURNET, J. (Ed.). **Platonis opera**. Oxford: Oxford University Press, 1903b.

_____. Hiparco. In: BURNET, J. (Ed.). **Platonis opera**. Oxford: Oxford University Press, 1903c.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de A. François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SÓFOCLES. Electra. In: JEBB, R. (Ed.) **The Electra of Sophocles**. Cambridge: Cambridge University Press, 1894.

TUCÍDIDES. História da Guerra do Peloponeso. In: _____. **Historiae in two volumes**. Oxford: Oxford University Press, 1942.